

## CAMPAÑA

## Reação: fazer promessas polémicas

Justin Trudeau pediu desculpas. E voltou a pedi-las. E tentou virar a página. A reeleição do primeiro-ministro liberal, a 21 de outubro, está comprometida, com o opositor conservador empatado nas intenções de voto. Trudeau foi ao local onde um terrorista matou duas pessoas em 2018, em Toronto, e prometeu uma maior controlo de armas, eliminando as de assalto. O assunto é claramente polémico e pode desviar as atenções.



# Pintar a cara de negro é ofensivo? A História explica

Até há 60 anos, encarnar alguém de raça negra servia para ridicularizar. O “blackface” apanhou o primeiro-ministro do Canadá em plena campanha

Rita Salcedas  
rita.salcedas@jn.pt

**RACISMO** A um mês das legislativas no Canadá, o primeiro-ministro candidato à reeleição, Justin Trudeau, viu-se a braços com uma situação – polémica para uns, para outros não – que reabre uma ferida nunca sarada: a imprensa divulgou velhas imagens suas com a pele escurada.

A primeira fotografia, publicada pela revista “Time”, é de uma festa inspirada no tema “Mil e uma noites” e está no álbum de final de ano da escola onde o governante lecionava. Era 2001 e um sorridente Trudeau de 29 anos aparece de turbante e pele escurada à imagem da personagem dos contos árabes Aladino. Não tardou até outras imagens se seguirem: um espetáculo de talentos em que Trudeau é um cantor jamaicano e um vídeo “do início dos anos 90” em que surge com t-shirt e calças de ganga rasgadas, mãos no ar e cara negra a fazer caretas. Tramado pela oposição conservadora – que admitiu ter enviado uma fotografia à imprensa em plena campanha eleitoral –, Trudeau pediu desculpas e assumiu a “idiotice”.

## O QUE É O “BLACKFACE”

Pintar a pele de preto para representar pessoas negras pode ser encarado como racista e ofensivo, sobretudo nos EUA e no Canadá, países com longo currículo de humilhação racial. A prática – “blackface” ou “brownface” – era usada em espetáculos dos séculos XIX e XX. Além de se pintarem com tinta, carvão ou cortiça queimada, os artistas brancos que vestiam a pele de negros desenhavam grandes lábios e reforçavam estereótipos negativos, representando pessoas pobres, preguiçosas, ignorantes, desonestas e verbalizando vernáculos.



A foto da polémica com Justin Trudeau foi tirada numa festa dedicada às “Mil e uma noites”, em 2001

## MEU CULPA

**“Escurecer o rosto, independentemente do contexto ou circunstâncias, é sempre inaceitável por causa da História racista do blackface. Não devia tê-lo feito. Devia ter tido noção e não tive. Lamento profundamente”**

**“Para pessoas que enfrentam discriminação do tipo que eu nunca tive de enfrentar, estas coisas são muito prejudiciais. Por isso estou tão dececionado comigo”**

Justin Trudeau  
PM do Canadá

Por isso é que as imagens de Trudeau dispararam críticas. O conservador Andrew Scheer, principal opositor, fala de “alguém sem sentido de discernimento e integridade, que não está apto para governar”. Do outro lado, aliados liberais, alguns de minorias, sobrepujaram ao erro as medidas “inclusivas” e “multiculturais” de Trudeau: formou um executivo com sete dos 35 membros oriundos de minorias e acolheu milhares de refugiados sírios. Em 2018, deu às notas de dez dólares o rosto da afro-canadiana Viola Desmond, que desafiou a segregação no cinema em 1946.

## CARGA HISTÓRICA

Para Catarina Martins, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, “é preciso ter sempre em conta a carga histórica e discriminatória” associada

ao “blackface”, mesmo quando parece inocente. “Não somos donos das nossas práticas. Mesmo sem intenção de ferir, há que ter consciência que pode haver outras leituras. Temos de legitimar que as pessoas que olham para ali e se veem caricaturadas possam não gostar”, disse ao JN. “Se for uma paródia, é perigoso, não pode ser lido fora da História, é um sinal de discriminação em todo o Mundo. A pele do outro não pode ser a nossa fantasia”.

Boaventura Monjane é jornalista, ativista social, investigador e doutorando em Pós-colonialismos e Cidadania Global em Coimbra. Mas é como africano que fala ao JN. “Mesmo que a intenção do primeiro-ministro não tenha sido ridicularizar ou ofender, pode ser ofensivo na medida em que os sujeitos que se tenham ofendido percebem as re-

presentações que se fazem sobre eles a partir do que representa, na sociedade em que estão, ser o que são”. Da mesma forma, a imitação de “um deficiente físico, um gay, um trans” por quem não o é “pode ser extremamente ofensiva” e lida como “ridicularização de uma condição que não é aceite normalmente nas sociedades em que vivemos”.

E se alguém de raça negra se pintar de branco, incorre no mesmo perigo de ofender? Para Boaventura, “não se pode concluir que seja o mesmo”. “Teríamos de ver concretamente caso a caso, mas penso que seria desonesto fazer essa comparação, na medida em que nada se compararia à representação caricaturada de um escravo, de um negro, de um árabe, de um indiano de castas mais baixas. O contrário é sempre uma falácia. É um discurso que desvia o foco da questão”.